

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

BULLYING: O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

NAIRA LUZIA SECUNDO DIAS

**RIO DE JANEIRO
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

BYLLYING: O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

NAIRA LUZIA SECUNDO DIAS

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria Elena Viana Souza

**RIO DE JANEIRO
2010**

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar uma prática habitual de violência na escola, que pode se propagar se não for dada a ela a devida atenção que o assunto merece. Essa violência que fere, magoa e deixa marcas, chama-se *bullying*. Trata-se de um problema mundial, que pode ser encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição: primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. O *bullying* é uma violência cujo nível de agressão torna suas vítimas reféns de ansiedade e de emoções que interferem negativamente na auto-estima e nos processos de aprendizagem. Em virtude disso, é de suma importância que os educadores conheçam essa problemática, suas implicações na prática docente e principalmente, suas conseqüências na vida dos educandos.

Palavras-chave: Bullying. Agressão. Violência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1	
Juventude, Sociedade e Violência	8
CAPÍTULO 2	
O professor	18
CAPÍTULO 3	
<i>Bullying</i>	27
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

É sabido que a infância é um período importante no desenvolvimento físico, mental e social do sujeito, logo, não podemos ignorar as conquistas, experiências, aprendizados, erros e conflitos presentes neste processo. A escola é depois da família o mais importante espaço de convivência e aprendizagem para a criança. Portanto, tem como responsabilidade oferecê-la um ambiente seguro e prazeroso para que tal processo se dê da melhor maneira possível, pois ela é muito mais que uma simples transmissora de informações e conhecimentos. Nela dispõe-se uma série de interações essenciais para a socialização do sujeito.

Dessas interações surgem vários tipos de comportamentos, tanto afetivos como também os agressivos, e entre eles encontramos principalmente nas escolas o chamado *Bullying*, que é um tipo de violência existente entre pares que convivem num mesmo ambiente. Trata-se de um fenômeno constante cuja gravidade passou a ser entendida a partir dos anos 90, como atos repetidos de opressão, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outros, com uma relação desigual de poder. Segundo Fante, o bullying é um tipo de violência que

se apresenta de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima, e cujo poder destrutivo é perigoso à comunidade escolar e à sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo dos envolvidos. (FANTE, 2005, p. 21).

Fante (2005, p.49) afirma que é comum que a vítima do *bullying* “não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola”, logo, a vítima pode sofrê-lo, por muitos anos, no ambiente escolar, sem que o educador perceba o que está acontecendo. Portanto, é de suma importância que as escolas tenham consciência de que esse fenômeno existe, e que devem ser tomadas medidas urgentes, para evitar e tratar essas manifestações, que são, também, responsáveis pelo comportamento agressivo existente entre os alunos, pois, a mesma autora relata que durante uma pesquisa realizada por ela no interior paulista e no Distrito Federal, ficou impressionada “com a pouca conscientização da realidade do fenômeno nos meios educacionais e com o despreparo dos profissionais desse setor para lidarem com a violência, especialmente velada.” (2005, p.51).

Entretanto, percebe-se que os estudos sobre esse fenômeno são bem recentes e por causa das consequências drásticas causadas às vítimas, essa problemática vem sendo aos poucos, mais

divulgada.

O pioneiro nestes estudos foi o professor Dan Olweus, da Noruega. No Brasil, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) desenvolve o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, que atua investigando e sistematizando estratégias de intervenção ao problema nas escolas. Com isso, algumas escolas vêm adquirindo conhecimento sobre o assunto.

Com base nesses pressupostos, este trabalho aborda a juventude e violência; o professor como agente motivador dos alunos e a relação professor – aluno. Tem como base teórica, Paulo Freire e José Carlos Libâneo, como referências ao importante papel do professor na escola, não só no que tange ao desenvolvimento cognitivo do aluno, como também, no seu desenvolvimento social e afetivo, procurando mostrar com os seus conceitos, a importância do professor e a sua contribuição na formação e na socialização do sujeito, dando ênfase aos problemas que podem ocorrer com o fenômeno *bullying*.

Para análise e identificação desse fenômeno, realizei pesquisas bibliográficas, usando como principal referência, a literatura de Cleo Fante, que é pesquisadora pioneira no Brasil sobre o *bullying* escolar. Com isto, pude constatar que pela relevância e gravidade do problema, a literatura existente sobre o *bullying* ainda é escassa.

A justificativa para a realização desse estudo está relacionada a duas observações que pude fazer durante a minha vida acadêmica e pessoal. No que se refere à primeira, ao buscar estudos que pudessem me fundamentar para o tema, pouco material foi encontrado, revelando que há poucos estudos sobre o mesmo. A segunda deve-se a episódios que presenciei na escola em que o meu filho estudava. Alguns alunos tinham comportamentos repetitivos, intencionados e constrangedores direcionados sempre a um mesmo menino que se diferenciava do grupo por ser muito gordo. Nessa época, embora eu não tivesse embasamento teórico sobre o assunto, percebia que não eram atitudes “normais” que pudessem ser confundidas por brincadeiras. Esse fato foi tão marcante para mim, que ao ingressar na faculdade e tomar conhecimento do *bullying*, procurei me aprofundar sobre o assunto e escrever sobre ele, com a possibilidade de contribuir para esclarecer e demonstrar aos professores a ocorrência do fenômeno nas escolas e o valor de sua efetiva presença em sala de aula, visando colocar em foco uma questão contemporânea que é o *bullying*, devido a sua implicação na formação do aluno.

Em suma, o objetivo do presente trabalho foi analisar a importância do papel do professor no contato com seus alunos, gerando um ambiente motivador, dialógico e solidário, visando

prevenir a violência escolar que é uma questão que muito nos preocupa e requer um olhar atento dos profissionais da educação, buscando um envolvimento de todos os segmentos da escola, na concretização de um ambiente de paz, para com isso combater e erradicar o *bullying*.

CAPITULO 1

JUVENTUDE, SOCIEDADE E VIOLÊNCIA

1.1 - Juventude e Violência

Desde a sua constituição, o Brasil traz as marcas da violência. Ao ser "descoberto", quando os europeus ocuparam o nosso território, os portugueses dizimaram a população indígena quase levando à sua completa extinção, por inúmeras razões, mas, principalmente, pelas econômicas. E durante toda a nossa história, marcada por pequenos levantes e revoluções, tivemos a presença da violência.

O período militar (1964-1984) é caracterizado pelo desrespeito à liberdade de expressão, ao estado democrático e aos direitos humanos, entre outros. Os militares envolvidos com a repressão da época cometiam abusos, inclusive seqüestros, assassinatos, torturas e atentados. Essa época deixou marcas profundas na sociedade brasileira que aprendeu a prezar e lutar pela liberdade.

Nesse sentido, podemos constatar que a violência sempre existiu. Entretanto, com as novas concepções de educação, de cultura e da ética, esperava-se uma diminuição dessa violência. E hoje, ela ainda existe em sua forma primária, que é a agressão física, o assassinato e outras formas, como a má distribuição de renda, a fome, as guerras, a espionagem e a perda do humanismo.

É sabido que em se tratando de violência contra a criança ou o jovem, há que se reconhecer que a estrutura psicológica do ser é extremamente afetada, acarretando consequências e sequelas desastrosas para a vítima, que geralmente as acompanham ao longo da vida.

A sociedade vem evoluindo com o tempo e, conseqüentemente, a educação, os costumes, o direito a uma vida digna e o respeito à individualidade passaram a ser mais observados. Contudo, os abusos e a violência contra as crianças e jovens são fatos reais que muitos profissionais da área da educação ainda não os percebem em toda a sua dimensão trágica.

A juventude é um processo crítico e turbulento de transformações e mudanças pela qual o ser humano passa, até atingir a vida adulta. O corpo do jovem, agora capaz de uma sexualidade procriativa, interage com a mente, onde o cenário pode ser de dor, angústia, sonhos e esperanças.

Os apelos de seus impulsos sexuais emergentes, a constatação que é um indivíduo separado dos pais, a superação do sentimento de dependência e desamparo são fenômenos, com os quais, o jovem passa a lidar, em favor de seu desenvolvimento. A dependência começa a se romper e o jovem passa a se rebelar contra dois pólos: o ser criança e o ser adulto. Para Contardo (2000):

O começo da juventude é facilmente observável, por se tratar da mudança fisiológica produzida pela puberdade. Trata-se, em outras palavras, de uma transformação substancial do corpo do jovem, que adquire as funções e os atributos do corpo adulto. Querendo circunscrever a juventude no tempo, como idade da vida, chega-se facilmente a um consenso no que concerne ao seu começo. Ele é decidido pela puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais. (p.9)

Nesse momento, o jovem se vê diante de um corpo em transformação e de uma mente em ebulição. A identidade está em questão, pois, ele não é mais uma criança, embora ainda não seja um adulto. Está no meio do caminho, buscando descobrir quem ele é, ou melhor, que adulto se tornará. Estas incertezas, estas dúvidas, explicariam a grande oscilação do seu humor: ora adota atitudes infantis, ora sente-se mais maduro.

Com a identidade em formação, muitos jovens se identificam com os ídolos, astros da música, do esporte, atores, enfim, pessoas que eles admiram e que sonham um dia vir a ser.

O grupo também os ajuda neste processo de construção da identidade, pois, eles irão interagir com a identidade do grupo, que influenciarão na sua como sendo a sua própria. Eles são reconhecidos de acordo com o grupo a que pertencem. A esse respeito, Aberastury e Knobel (1981) comentam:

Neste período flutua entre uma dependência e uma independência extremas, e só a maturidade lhe permitirá, mais tarde, aceitar ser independente dentro de um limite de necessária dependência. Mas, no começo, mover-se-á entre o impulso ao desprendimento e a defesa que impõe o temor à perda do conhecido. É um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizando fricções com o meio familiar e social. Este quadro é frequentemente confundido com crises e estados patológicos. (p.13)

A conduta do jovem tem coerência e lógica. Ele está lutando para construir sua identidade e, para consegui-la, enfrenta muitas dificuldades e precisa elaborar verdadeiros processos de luto por situações infantis perdidas. Em condições ideais, ao deixar de ser criança, o jovem perde seu corpo infantil que não tinha as exigências sexuais do atual, perde também aqueles pais protetores que satisfaziam suas necessidades de criança, perde ainda sua identidade e papel infantil que representavam para ele uma situação confortável de dependência e irresponsabilidade. Isso tudo é muito duro e sofrido para o mesmo.

O jovem ávido de novos referenciais tem necessidade de se voltar para os pares e para os grupos. E, é nesse momento que ele começa a sofrer fortes influências do grupo em que está inserido, e é bastante provável que o seu caráter seja influenciado a partir do seu círculo de amizades. Essa experiência de socialização pode ser construtiva, ajudando o jovem a realizar seus anseios, suas aspirações e a expressar sua criatividade, ou, ao contrário, pode ser destrutiva, na medida em que for um espaço, em que, amparado pelo grupo, incentive sua agressividade e violência. E na seqüência do pensamento de Aberastury e Knobel (1981), vimos o seguinte:

Ao invés de procurar a solidão que lhe permita a elaboração da perda dos pais infantis, evita-a constantemente, tentando diluir a sua personalidade através de identificações projetivas em massa com grupos de delinquentes ou semidelinquentes, aos quais faz atuar as suas ansiedades. (p. 84)

1.2 - Juventude e família

Os conflitos familiares, em algumas situações, também são fortes motivos que fazem com que os jovens fiquem com seu suporte emocional comprometido e com poucas perspectivas de uma condição de vida saudável, assumindo para si a delinquência e, conseqüentemente, a sua "marginalização". Ameaças à convivência familiar e comunitária, também podem colocá-los numa situação de risco, pois, sendo a família a base da educação, percebe-se que se a mesma não tiver as suas necessidades atendidas, tal situação repercutirá negativamente no desenvolvimento do jovem, até porque estes criam expectativas muitas vezes não alcançáveis.

Os laços afetivos entre pais e filhos são dos mais fortes. Hoje, sabe-se que o ambiente moral da casa tem grande importância na formação moral das crianças. Os filhos acabam assumindo os valores da família. O papel da escola também é fundamental, mas, não pode ser comparado ao da família. Os filhos são frutos do meio, porém, é na relação familiar ou em

relações similares (abrigos, instituições) que os principais valores se formam e se consolidam. De nada adianta os pais darem limites, proibir certas atitudes, cobrar respeito ao próximo, exigir que não falem palavrão, se eles burlam as leis e os valores morais e adotam a postura: "faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço". Suas atitudes valem mais que mil palavras. Devem buscar ações simples e concretas que possam ajudar seu filho a assumir responsabilidades de forma coesa e concreta, pois, a criança que aprende a ter responsabilidades desde pequena, enfrenta melhor a escola e a própria vida.

A família é o modelo primeiro de socialização e base de formação das matrizes psíquicas. São as relações de afeto com as figuras materna e paterna e/ou de seus responsáveis que determinarão sua visão de mundo e de si mesma. Neste espaço, a criança deveria fazer a experiência de relacionamentos significativos, duradouros e desenvolver atitudes e valores humanistas que a estruturam psicologicamente e norteiem seu desenvolvimento social:

É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não-violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais. (FANTE, 2005, p. 174)

Portanto, uma organização familiar sem comprometimento e responsabilidades com a educação de sua prole, pode impossibilitar que as crianças recebam amor e carinho no âmbito da família, chegando à juventude com profundas carências afetivas, sem o preparo necessário para enfrentar as mudanças emocionais e físicas, que se apresentam nesta fase e vivendo grandes conflitos.

No mundo atual, a sociedade e a cultura parecem não ter tanta importância para os nossos governantes, quando constatamos, através da mídia televisiva e impressa, que a verba designada para essa área não é suficiente para fazer com que todos tenham acesso às mudanças que são rápidas e constantes, geradas pelos avanços tecnológicos, e que ameaçam a estabilidade necessária, para uma convivência social harmônica.

O sentimento de continuidade se encontra ameaçado. O que tem valor é o "momento". A cultura do consumo, a banalização do sexo, das relações afetivas, da vida e da agressividade, veiculadas através da mídia e sustentadas por poderosos interesses de mercado, estimulam a conquista do prazer imediato e de um falso estado de plenitude e independência. De acordo com Aberastury e Knobel (1981), neste momento, vivemos, no mundo inteiro, o problema de uma juventude inconformada, que se enfrenta com a violência,

e o resultado é só a destruição e o entorpecimento que são grandes dificultadores na educação dos jovens, seja na escola, na família ou em qualquer outra instituição.

Não podemos negar que exista uma grande falta de compromisso quanto ao impacto psico-social, que toda essa situação acarreta e que as situações de riscos às quais os jovens encontram-se, geralmente, expostos, são ao mesmo tempo, fatores de violências e agressividade. Sobre esse assunto, Arminda Aberastury (1981) afirma que:

A sociedade em que vivemos, com seu quadro de violência e destruição, não oferece garantias suficientes de sobrevivência e cria uma nova dificuldade para o desprendimento. O jovem, cujo destino é a busca de ideais e de figuras ideais para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também os usa. (p. 19)

Os atos de vandalismo, as gangues, as pichações, os rachas, o uso de drogas são expressões da realidade social em que muitos jovens se encontram. Esses jovens vivem a filosofia do "vale tudo", num estado confuso, em que não sabem mais o que devem ou não fazer, como fazer, e, ainda, não conseguem diferenciar o bom do mau, o certo do errado, o construtivo do destrutivo. O amor, a solidariedade, a moral e a ética necessitam ser resgatados para que o jovem, em sua vulnerabilidade, possa adquirir modelos de identificação, que o leve a um processo de experiências, que possam prepará-los para uma sobrevivência sadia e uma boa qualidade de vida.

1.3 - Escola e Violência

A educação tornou-se produto da escola, a partir da Idade Média. No início era destinada apenas à elite, servindo aos nobres. Depois passou a servir também à burguesia.

Era na escola que se ensinavam as atividades a serem desenvolvidas pela classe dominante. Por isso, ora era um local de aprendizado de guerra, ora de atividades cavaleirescas, ora do saber intelectual humanístico ou religioso. Enfim, atendia aos filhos das famílias de poder na sociedade.

Uma das grandes mudanças ocorridas no século XIX, diz respeito à educação. A escola passou a ter uma tendência à universalização, ou seja, a atender a todos os indivíduos, pois, necessitava-se de uma instituição especializada que soubesse educar para o trabalho que se encontrava no âmbito da vida pública cujas regras, leis e rotinas iam além dos conhecimentos

adquiridos pela família. Na sequência do pensamento de Aranha (1996), observamos que:

O fenômeno da urbanização acelerada, decorrente do capitalismo industrial, cria forte expectativa com respeito à educação, pois a complexidade do trabalho exige qualificação da mão-de-obra. Já no século anterior surgiram tentativas de universalização do ensino, mas é no século XIX que se concretizam, com a intervenção cada vez maior do Estado para estabelecer a escola elementar universal, leiga, gratuita e obrigatória. (p. 146)

Com a industrialização, a escola iniciou a preparação das pessoas para o trabalho, fornecendo-lhes conhecimentos de aperfeiçoamento e especialização profissional. A escola caracteriza-se, então, como uma instituição da sociedade, trabalhando a serviço desta e por ela sustentada, a fim de responder às necessidades sociais.

E, para obter êxito na sua representatividade junto à sociedade, a escola fez uso da disciplina. E para isto, muitos professores utilizaram a violência contra seus alunos não só na antiguidade, mas também no século XIX e até mesmo em parte do século XX, já que sabemos do uso de cintos, pedaços de madeira e grãos como forma de “educar” as crianças.

A escola representa, hoje, uma das mais importantes instituições sociais por fazer a mediação entre indivíduo e sociedade. Logo, uma de suas funções é dar continuidade ao processo de socialização que, geralmente, se inicia com a família. Muitas vezes, esse processo pode ser prejudicado pela problemática dos dias atuais: a violência.

Sabemos que o ambiente escolar, depois do espaço familiar, é o local onde ocorrem os fatos mais expressivos da vida de crianças e jovens, tais como a experiência coletiva, amizades, descoberta da vida em sociedade, a formação de identidade pessoal e social. Crianças e jovens são pessoas que estão em fase de desenvolvimento e para que alcancem a maturidade significativa precisam encontrar um ambiente escolar seguro e sadio, que propicie condições saudáveis para a construção do conhecimento, trabalhando valores fundamentais o que inclui características como: estímulos positivos, equilíbrio, boa relação com a comunidade educativa, vínculo afetivo, diálogo, respeito, amizade e solidariedade.

A escola faz parte de um contexto sócio-histórico-cultural, onde a questão da disciplina tem sofrido significativas transformações e vem sendo assunto presente nas reuniões de educadores e responsáveis. Estas mudanças afetam o ambiente escolar, seja pela influência da mídia que é muito absorvida pelos jovens como também pela forma de organização das famílias contemporâneas. Como afirma Blin (2005, p.13), “as últimas décadas foram marcadas por uma forte aceleração das mudanças, sejam evoluções tecnológicas, econômicas, sócio-culturais ou políticas”.

Quando tratamos do assunto violência contra crianças e jovens, constatamos que a escola surge como um espaço ainda pouco explorado, principalmente, com relação ao comportamento agressivo entre os próprios alunos. Segundo Lopes Neto (2003), a violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil, e, no entanto, é muitas vezes ignorada pelos educadores e pelos responsáveis.

Quando falamos em violência escolar, estamos nos referindo a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, a solução possível para se combater essa violência pode ser obtida no próprio ambiente escolar.

Candau (1999) diz que hoje as manifestações de violência nas escolas vêm preocupando pais e educadores. A partir daí, é importante lembrar que existem diversas formas de violência que acontecem por diversos motivos que acabam afetando o cotidiano escolar.

Não podemos esquecer que existem fatores externos que são decisivos na formação da personalidade. A escola não dispõe de recursos e de meios para impedir a influência desses fatores sobre a vida de seus educandos, e muitas vezes, torna-se alvo de muitos casos de violência, praticados em decorrência desses fatores. Abramovay define os fatores externos como,

Explicações de ordem socioeconômica, ao agravamento das exclusões sociais, raciais e de gênero, à perda de referencial entre os jovens, ao surgimento de 'galeras', 'gangues', 'tráficos de drogas', desestruturação familiar, à perda de espaços de sociabilidade. (ABRAMOVAY *apud* FANTE, 2005, p. 168).

Fante (2005) classifica os fatores internos da seguinte forma: "clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da comunidade escolar." (p.168).

Entendemos que é compromisso da escola prevenir a violência que se dissemina em seu contexto e de intervir impedindo a sua proliferação. Para que isso aconteça, seus educadores devem estar capacitados para atuar na melhoria do ambiente escolar, como também na melhoria das relações interpessoais, promovendo ações de solidariedade, de

tolerância e o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolva toda a comunidade escolar.

Abramovay (2002) afirma que: "a sociedade brasileira, vem-se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar." (p.32). Devemos, porém, diferenciar a violência que vem de fora do ambiente escolar e aquela que chamamos de "violência escolar", gerada no interior da escola e que atinge diretamente aqueles alunos que estão sob a responsabilidade dos educadores.

O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais como a família, a escola e a comunidade. O modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que, em algumas situações, essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo.

A violência é vista como um "enigma" sério para as instituições educacionais. Fante (2005) mostra que a violência escolar põe em "xeque" o cerne dos valores por ela assumidos e sua capacidade de ensiná-los, instaurando uma desconfiança que vai, aos poucos, destruindo os relacionamentos e a possibilidade de construção de uma escola com atitudes mais humanas.

Estar mais atento e ter mais cuidado com a violência escolar devem ser preocupações constantes e comuns a todos os membros da escola, objetivando a prevenção de atos violentos no ambiente escolar. Nesse sentido, Fante (2005) sugere:

que os profissionais que trabalham como educadores sejam preparados para lidar com as suas emoções e educar as emoções dos alunos, dando lugar, em suas aulas, para a expressão de afeto – com isso, aprenderão a lidar com seus próprios conflitos e com os mais diversos tipos de violência, especialmente o bullying. (p. 213).

A violência pode qualificar ações individuais e coletivas, mas, emerge a partir de marcos sociais que têm sua origem na negação do direito a uma vida digna, na exploração de uns pelos outros. Portanto, fazer o possível para prevenir e combater a violência escolar é dever de todo cidadão.

Entretanto, vale ressaltar que quando falamos em violência não estamos nos referindo apenas à prática de delitos e à criminalidade. Devemos nos conscientizar que existem diversas formas de violência que se encontram diluídas no cotidiano de nossa sociedade, às quais

muitas vezes já nos acostumamos. Na escola, a violência pode se dar pela atitude dos professores, do próprio estabelecimento e, com frequência, tem ocorrido da mesma maneira por alunos contra a instituição e colegas.

E, quanto à agressividade das instituições de ensino, torna-se visível quando ela usa sua autoridade sobre os alunos impedindo-os de pensar e expressar suas capacidades. O mesmo ocorre com os livros didáticos, quando demonstram conteúdos que fomentam pensamentos, atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias.

Outra forma de agressão contra alunos é o fato de não permitir que ele tenha autonomia nas suas decisões, como também na falta de espaço para o diálogo, para a crítica e por práticas autoritárias na relação de professor com seus alunos, sujeitando-os à submissão, ao conformismo, à docilidade, à obediência. A esse respeito, Freire (1996) comenta:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgide os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (p. 59)

Quanto à agressividade provocada contra a escola por seus alunos e entre eles, podemos citar a competição como um dos possíveis causadores desta problemática.

Assim, uma escola que estimule demais a competição, pode favorecer esse clima de agressão entre os alunos, quando o que é valorizado é a nota, é o sucesso, que deve ser atingido à custa de excessivo desgaste para muitos. De um modo geral, essas são escolas que, na realidade, dão muito valor ao conteúdo e à informação, ainda que teoricamente se digam preocupadas com o relacionamento interpessoal. (LOPES NETO, 2003, p.33).

É notório que a nossa sociedade é caracterizada por uma enorme disputa pelo sucesso individual, gerando alto índice de competitividade. A escola acaba incentivando essa situação, quando deixa de enfatizar valores como: respeito, solidariedade, ética, tolerância e cooperação nas relações interpessoais.

Não são apenas os fatores psicológicos que estimulam o comportamento agressivo, devemos considerar também a organização social, pois, ela, muitas vezes, legitima e mantém

diferentes modalidades de violência. O estímulo pode ocorrer tanto no incentivo à competição escolar e no mercado de trabalho, como no incentivo a que cada indivíduo “dê conta” de sua própria segurança pessoal. Dessa forma, a interação do indivíduo com a família, a escola e a comunidade, são de extrema importância para o (des)controle do comportamento agressivo entre os jovens.

Nesse tipo de ambiente, um estudante, que já vivencia essa mesma tensão em casa, tenderá a reagir negativamente, apresentando, com frequência, comportamento explosivo e podendo chegar, até, a maltratar seus colegas, como uma reação, por se sentir constantemente ameaçado. (LOPES NETO, 2003, p.33)

Em nossa sociedade, a violência infantil é vista com muita frequência e em se tratando do ambiente escolar, suas principais vítimas e agressores são os próprios jovens. Não é raro nos depararmos com escolas depredadas, com mesas, cadeiras e paredes rabiscadas, pias sem torneiras, vidraças quebradas etc. O número de crianças que assumem posturas anti-sociais como condutas agressivas e atitudes individualistas parece aumentar a cada dia.

No sentido de chamar a atenção dos professores, enfatizamos a necessidade de termos educadores conscientes a respeito de sua efetiva presença em sala de aula, assim como de sua colaboração na formação de cidadãos que saibam viver em sociedade, onde o ser humano, com suas diferenças, seja mais respeitado.

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (FREIRE, 1996, p.78).

Por isso, é preciso que a escola seja um espaço de referência para a discussão de assuntos da comunidade, de assuntos referentes à ordem social. É preciso que todos os agentes envolvidos no processo educativo busquem um sentido de existência para o currículo e promovam novas formas de relações que revolucionem o que está posto. É preciso a promoção dos direitos humanos por meio do cotidiano, como referência para a ação educativa.

CAPITULO 2

O PROFESSOR

2.1 - O Professor como agente motivador dos alunos.

Atualmente, é muito comum ouvirmos professores comentando sobre a falta de interesse ou de motivação do educando em prestar atenção às aulas, em ler os textos propostos, em participar e aprender. Concomitantemente, verifica-se que a desmotivação em sala de aula aumenta, consideravelmente, ano após ano (LIBÂNEO, 1994). Esta, por sua vez, traz consigo sérias alterações no comportamento do educando, podendo inclusive comprometer sua aprendizagem e seu futuro. Libâneo (1994) diz que a motivação influi na aprendizagem e a aprendizagem influi na motivação, logo, é possível observar que isto influencia no baixo rendimento escolar, na evasão, em casos de indisciplina como o *bullying*, fenômeno que abordaremos no capítulo 3 e outros fatores não relacionados aqui. A esse respeito, Cleo Fante (2005) comenta:

ainda por meio de pesquisas observamos que a maioria dos alunos, na atualidade, vive um grande dilema devido à distância que existe entre o que se aprende na escola e o que se deveria aprender para viver fora da escola, motivo pelo qual já não sabem distinguir se querem ou não permanecer nela, se vale ou não a pena se iludir com ela. O comportamento e as expectativas dos alunos para com a escola vêm manifestando o desencanto e o desinteresse, resultado da situação social em que vivem. (p. 188).

Não podemos conceber, como educadores, que problemas como estes criem raízes e frutos e que tenham cadeira cativa nos bancos escolares. É sabido que muitos alunos passam por sérios problemas familiares e sociais, logo, é necessário que os educadores conheçam as variáveis que influenciam no interesse com que os alunos enfrentam as tarefas escolares, e como as diferentes pautas de atuação, que os professores podem adotar, contribuem ou não para a motivação ou desmotivação dos alunos. Sobre esse aspecto, Libâneo (1994) observa que:

Estar o aluno motivado para o estudo não depende, portanto, apenas da sua capacidade individual, porque, para sabermos do que cada um é capaz, é preciso verificar, antes, as condições reais de vida que se sobrepõem à individualidade. O professor deve conhecer as experiências sociais e culturais dos alunos: o meio em que vivem, as relações familiares, a educação familiar, as motivações e expectativas em relação à escola e ao seu

futuro na vida. Estas características vão determinar, inclusive, sua percepção da escola, da matéria, do professor, seu modo de aprender. (p. 114)

Ainda nesta linha de pensamento, o mesmo autor afirma que:

Os professores devem estar preparados para buscar procedimentos didáticos que ajudem os alunos a enfrentarem suas desvantagens, adquirirem o desejo e o gosto pelos conhecimentos escolares, a elevar suas expectativas de um futuro melhor para si e sua classe social. (LIBÂNEO, 1994, p. 88).

Mesmo sabendo que numa escola o regulamento é imposto ao professor, ainda assim, ele deve ouvir os alunos, possibilitar e motivar adequadamente, favorecendo a aprendizagem escolar, buscando a autonomia dos educandos, apresentando aulas dinâmicas, deixando os alunos assumirem trabalho escolar, buscando meios alternativos de aprender e progredir, dando oportunidades de opção e alternativas tão numerosas quanto possível, propondo tarefas que realmente eles possam alcançar, dando-lhes consciência do que significa crescer intelectualmente. De acordo com Libâneo (1994):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. (p. 250)

Se o professor não estiver motivado, se não exercer de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar, a seus alunos, entusiasmo e interesse pelas tarefas escolares; é muito difícil que seja capaz de motivá-los. Segundo Paulo Freire (1996),

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (p. 96)

É sabido que professor tem uma profissão pouco valorizada. O governo, as escolas e os próprios professores deveriam buscar valorizar essa profissão, considerando isso o objeto primordial. Caso contrário, poderemos encontrar educadores cada vez mais desmotivados para abordar o problema da motivação de seus alunos.

Os processos de ensino-aprendizagem são satisfatórios quando se estabelece uma conexão, uma sintonia entre o professor e os alunos, uma cumplicidade.

Nem sempre os alunos percebem o valor dos trabalhos escolares, pois, muitas vezes, não conseguem compreender a relação existente entre a aprendizagem e uma aspiração de valor para a sua vida. Para Burochovitch & Bzuneck (2004)

a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. (p.13).

E, ainda, “à medida que as crianças sobem de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto à capacidade de aprender certas matérias.” (p. 15).

Os mesmos autores valorizam a motivação intrínseca e afirmam que ela proporciona a sensibilidade no aluno de que “a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento”. (p. 37)

“A motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos”. (BUROCHOVITCH & BZUNECK, 2004, p. 39).

Constatamos que uma das maneiras de motivar o aprendizado escolar está em explorar e valorizar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança. Segundo Boruchovitch & Bzuneck (2004): “a motivação intrínseca refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação.” (p.137). Se o professor conciliar a motivação intrínseca com o apoio da motivação extrínseca (avaliação dos adultos, informações a respeito, elogios verdadeiros, etc.) estará utilizando um excelente trunfo para a motivação.

Na sequência desse pensamento, Libâneo (1994) afirma que: “o que o professor tem a fazer é colocar o aluno em condições propícias para que, partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, possa buscar, por si mesmo, conhecimentos e experiências.” (p.65).

Estimular o aluno a refletir sobre questões que surgem ao longo de sua vida social e intelectual, procurando ele mesmo o domínio das estratégias que possibilitem a solução de problemas, é uma maneira de o professor estar motivando esse aluno para o seu crescimento.

Outro ponto em que se pode focar para estimular a motivação é o planejamento das aulas. Quanto maior for o planejamento do professor com a preocupação de oportunizar o

aprendizado através de uma aula rica e variada, maior será o interesse de seus alunos. Segundo Libâneo (1994), “Se estes estiverem envolvidos na tarefa, diminuirão as oportunidades de distração e indisciplina.” (p.253). Podemos perceber que uma aula em que o aluno se sente envolvido, que participa das atividades e junto com o professor decide a realização das tarefas, mais interessante e prazerosa se tornará. Libâneo (1994) sinaliza que:

Para atingir satisfatoriamente uma boa interação no aspecto cognoscitivo, é preciso levar em conta: o manejo dos recursos da linguagem (variar o tom de voz, falar com simplicidade sobre temas complexos); conhecer bem o nível de conhecimentos dos alunos; ter um bom plano de aula e objetivos claros; explicar aos alunos o que se espera deles em relação à assimilação da matéria. (p. 250)

Sabemos que o ambiente escolar deve ser estimulador para que a criança se desenvolva plenamente. Isso trará como conseqüência, um comprometimento pessoal com sua própria aprendizagem e uma profunda dedicação nas tarefas escolares. Devemos ter claro que cada atividade desenvolvida deverá ter como base, elementos como: a integração, a socialização e o estímulo a aprendizagens. Criando desafios, incentivando a descoberta e constituindo outros caminhos metodológicos, as crianças poderão motivar-se a relacionar novos conceitos ao seu cotidiano.

Nesse mundo de mudanças e desafios que o progresso e a evolução social fazem acontecer, é necessário que a escola invista numa nova forma de abordagem para eliminar problemas escolares causados pela desmotivação dos alunos.

Para Burochovitch & Bzuneck (2004)

a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem.” (p.13)

A motivação deve receber especial atenção e ser mais considerada pelas pessoas que mantêm contato com as crianças, realçando a importância desta esfera em seu desenvolvimento. A motivação é energia para a aprendizagem.

2.2 – Relação Professor – Aluno

Segundo Freire *apud* GADOTTI (2001), o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é algo pronto a ser apenas “apropriado” ou “socializado”, como

estima das vítimas e a canalização da agressividade do agressor em ações pro-ativas – bem como o envolvimento de toda escola, pais e a comunidade em geral.

Grupos de alunos solidários atuam como anjos da guarda daqueles que apresentam dificuldades de relacionamento, dentro e fora da escola. Grupos de pais solidários auxiliam nas brincadeiras do recreio dirigido, junto aos alunos solidários.

Os objetivos propostos pelo programa são os seguintes, segundo Fante (2005):

Que os alunos sejam conscientizados do fenômeno e suas conseqüências, [...] por meio de interiorização de valores humanos, desenvolvam a capacidade de empatia, a fim de que percebam as implicações e os sofrimentos gerados por esse tipo de comportamento e desenvolvam habilidades para a sua erradicação e [...] se comprometam com o bem-comum e se tornem agentes de transformação da violência na construção de uma realidade de paz na escola. (p.94)

Percebe-se que a intenção da autora do programa é disseminar a cultura de paz, por meio de ações que incentivem a solidariedade, a tolerância e o respeito às diferenças, incentivando a criação de grupos de alunos e pais solidários nas escolas, visando a prevenção e o combate ao *bullying*.

Entretanto, é válido lembrar que apesar de programas, projetos, ações e outras iniciativas que possam acontecer para prevenir e combater o *bullying*, é muito importante que as escolas e seus profissionais reconheçam a existência do *bullying* em suas diversas formas, conscientizando a comunidade escolar dos prejuízos que esse fenômeno pode trazer para o bom desenvolvimento socioeducacional e para a formação da personalidade dos seus educandos, pois, “bullying é um fato e não dá mais para botar panos quentes nas evidências”. (SILVA, 2010, p 162). Nesse sentido, se torna fundamental o papel dos educadores no que se refere à percepção antecipada dos casos de *bullying*, para que uma possível intervenção seja realizada antes que a situação de sofrimento causada por esse fenômeno se torne incontrolável e de difícil solução.

CONCLUSÃO

Percebemos que colocar em prática uma forma de trabalhar o problema da violência nesta sociedade, e, principalmente, da violência no ambiente escolar, é uma questão importante e urgente. Entretanto, não podemos desconsiderar que muitas vezes, a origem das violências e agressões que acontecem nas escolas está diretamente ligada ao ambiente familiar.

Com relação ao assunto desse trabalho, os pesquisadores afirmam que quase a totalidade dos casos relatados de *bullying* tem sua origem na violência doméstica. Nessa perspectiva, o relacionamento familiar passa a ser uma grande preocupação. De acordo com Fante (2005), pioneira na pesquisa sobre o *bullying* escolar,

Infelizmente, o comportamento violento e agressivo que um aluno apresenta na escola, provocando sofrimentos a muitos outros – de forma velada ou não -, tem sua origem, dentre outros fatores, no modelo educativo familiar de acordo com o qual foi criado. Tal modelo caracteriza-se como causador do comportamento agressivo ou violento, devido ao tipo de estimulação a que ele foi exposto desde pequeno. (p. 173).

Logo, considerando que a família é a base do processo de socialização, seria ideal que ela fosse um modelo positivo para a criança. Pois, é desse convívio familiar que a criança começa a assimilar e registrar suas primeiras experiências emocionais.

De acordo com as referências bibliográficas utilizadas sobre o *bullying*, neste trabalho, constatamos que se trata de um assunto presente no ambiente escolar, “um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas” que, no entanto, é pouco divulgado e explorado aqui no Brasil,

e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação, que inocentemente trata o *bullying* como brincadeira relativa à idade, talvez, por se tratar de um assunto que ainda não tomou a amplitude que deveria. (FANTE, 2005, p. 29).

Vimos que o *bullying* “tem um poder destrutivo capaz de promover danos psicológicos incalculáveis e irreparáveis às suas vítimas”. (FANTE, 2005, p.10). Mas, ainda é tempo de refletir e reverter essa história. Ainda há tempo para os professores ficarem atentos a esse tipo de agressão.

Um dos objetivos desse trabalho é que ele sirva como mais uma fonte de informação para os educadores e todos os profissionais dessa área, pela relevância do tema e por ser muito importante que os professores tenham o entendimento sobre o assunto, por sabermos que o papel dos professores é fundamental para a detecção precoce dos casos de *bullying*, incluindo em seu planejamento um tempo para discutir com seus alunos, o respeito ao próximo, o amor, a amizade e a solidariedade, pois, para Lopes Neto (2003):

A melhor estratégia para a redução e o controle de Bullying nas escolas está diretamente vinculada à intervenção precoce e imediata, demonstrando aos alunos-autores que esse tipo de comportamento é incorreto e que não será mais tolerado. (p. 56).

Procuramos, com esta monografia, levar aos educadores, alguns esclarecimentos sobre esse fenômeno que ganha proporções assustadoras e que pode acarretar sérias consequências para o desenvolvimento psicológico e social de seus envolvidos, buscando informações importantes como a postura adequada do professor em sala de aula e a relação professor-aluno, que são atitudes que podem ajudar ao educando no desenvolvimento de sua autonomia, para que eles possam construir valores de ética e cidadania que permitam o desenvolvimento de sua socialização.

Falamos da importância dos educadores e da família estarem sempre atentos às mudanças drásticas que as crianças apresentarem como não querer ir à escola, perda do apetite, tristeza, depressão, afastamento dos colegas, solidão etc., pois estas atitudes podem servir como pistas de ocorrência de *bullying*, ressaltando, que os agressores procuram sempre vítimas, que eles julgam diferentes dos padrões normais dos jovens daquela idade, como o magrelo ou o gordão, o que usa óculos, o que tem orelha grande, o negro, o homossexual, o que é baixinho ou até mesmo aquele é vítima de doenças como o vitiligo etc.. Acreditamos que envolvendo a comunidade escolar e conscientizando todos das consequências desse tipo de violência, é possível evitarmos o *bullying* nas escolas e suas consequências desastrosas que variam desde a repetência a casos extremos como suicídio e homicídio.

Enfim, para eliminar ou reduzir atitudes como o *bullying*, o professor deve entre outras coisas, trabalhar junto às crianças a aceitação das diferenças, já que, como vimos, geralmente, alunos alvo de *bullying* são portadores de alguma característica que os

diferencia da maioria do grupo em que estão inseridos ou fazem parte de um grupo social denominado minoria.

Consideramos que a escola pode ser o caminho para influenciar o processo de mudança de idéias, comportamentos e valores, tanto para os profissionais atuantes nela, que precisam estar preparados para enfrentar esse fenômeno, quanto para os alunos que serão capazes de agir de forma responsável, consciente e autônoma, frente às diversas situações cotidianas.

Finalmente, acreditamos ter contribuído com este estudo, no sentido de chamar a atenção dos profissionais da educação para um fenômeno que tem sido confundido como brincadeiras próprias da idade, mas, que causa danos irreparáveis à vida do adolescente, intimidando, humilhando e excluindo-o do seu convívio social.

Referências

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal, Um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes médicas, 1981.

_____. **Violências nas escolas**. Brasília: CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAPIA. **Bullying**. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm>. Acesso em julho/2010.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo, Cortez, 1981.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do Bullying**. Rio de Janeiro, Best Seller, 2010.

BLIN, Jean-François. **Classes Difíceis: Ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BORUCHOVITCH, E. ; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **O que é educação**. 40. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CAMPOS, Dinorah Martins de S. **Psicologia da Adolescência: Normalidade e Psicologia**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. SP: Itália Nova editora, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª Ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: 19ª Ed. Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 44ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

_____ **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____ **Convite à leitura de Paulo Freire,** São Paulo: Scipione, 2001.

HORTON. M. FREIRE. P. **Educação para paz: Sua teoria e sua prática.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

KAMII, Constance et alii. **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget.** São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, N. A; SAAVEDRA , Lúcia H. **Diga não para o Bullying – Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes.** Rio de Janeiro, ABRAPIA 2003.

LUCINDA, Maria da Consolação./ NASCIMENTO, Maria das Graças./ CANDAU, Vera Maria. **Escola e Violência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 27-51.

NETO, A. A. L. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>> acesso em 01/08/2010

PAIVA, V. P. **Educação Popular e educação de adultos.** São Paulo: Loyola, 1987.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma Escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Edição: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

_____ **Mentes e Manias: entendendo melhor o mundo das pessoas sistemáticas, obsessivas e compulsivas.** São Paulo, 2004.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 4.ed. São Paulo: Loyola, 2001.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
 Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
 Escola de Educação - EE
 Departamento de Didática - DID

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: ^{LUZIA} Maira Luiza Secundo Dias
 TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO:
Bullying: o papel do professor na formação do sujeito.
 ORIENTADOR(A): Maria Elena Viana Souza

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Claudia Fernandes

Nota: 10,0

Considerações:

Em anexo

DATA: 09/12/2010

Assinatura: _____

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Maria Elvira Niana SouzaNota: 10,0

Considerações:

O tema tratado pela aluna revela a importância de trazer para o debate acadêmico um fato que vem prejudicando relações que se estabelecem no contexto escolar. Além da importância do tema, destaca a seriedade e o compromisso da aluna com os estudos feitos para o desenvolvimento do trabalho. Parabéns Nana!

Data: 09/12/2010Assinatura: Maria Elvira Niana Souza



UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

LUZIA

Parecer da monografia da graduanda Naira Luiza Secundo Dias

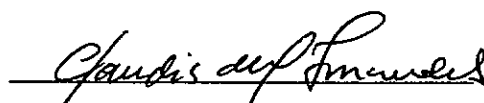
Trabalho cuidadoso naquilo que se propôs. Apresenta uma temática extremamente relevante no cenário atual das escolas brasileiras, se constituindo de grande importância para a formação de um pedagogo.

A temática foi tratada com seriedade pela estudante.

Naira fez uma pesquisa bibliográfica com autores mais representativos da temática que ainda não apresenta uma grande divulgação das pesquisas realizadas. O resultado foi um trabalho interessante que conjuga formação de professores e violência escolar, mais especificamente *bullying*. O estudo merece, depois, caso seja de interesse, um aprofundamento maior.

Parabéns.

Nota: 10.0


Profª Claudia de Oliveira Fernandes

Rio de Janeiro, 26/11/2010

sustenta a pedagogia dos conteúdos. Dentro desse contexto, a escola exerce um papel importante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, estimulando suas habilidades e formando um cidadão crítico.

Com isso, torna-se importante que toda a comunidade escolar faça daquele ambiente um clima saudável, alegre, afetuoso e de harmonia, pois, como afirma Freire (1996), “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência de hoje”. (p.143)

Outro fator relevante nesse espaço de interação e construção do conhecimento é a relação professor – aluno que deve ser de cooperação e respeito para que se alcance o desenvolvimento do educando que não é pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. Logo, devemos sempre observar e questionar os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno a ficar, muitas vezes, desgastado, sem estímulo ou até mesmo agressivo.

A escola e seus profissionais formam um universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como de criar condições para que ocorram aprendizagens significativas e interações entre alunos, professores, diretores e demais membros da equipe técnica que favorecem ou não os processos informativos e de comunicação na escola. Nesse ambiente de diversidade, no entanto, também ocorrem brigas, atos de agressividade e de violência, e as medidas tomadas para solucionar os conflitos em geral cabem à direção da escola. (ABRAMOVAY, 2002. p. 32).

Sabe-se que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado, contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção da auto-estima. Quanto a esse fato, Abramovay (2002) observa que:

A falta de comunicação entre professores e alunos causa, nos estudantes, muita revolta, independentemente da idade ou da série em que se encontram. É possível que essa atitude afete a auto-estima dos estudantes, que não aceitam ser ignorados. Há uma forte crítica aos professores cuja preocupação se restringe ao repasse de conteúdo, sem interesse em interagir com a turma. (p. 39)

Sendo assim, fica claro que a afetividade é fundamental em toda relação para os sujeitos envolvidos. Logo, a relação entre professor e aluno, deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuos, pois, essa interação ultrapassa os limites escolares. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a

afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar. A esse respeito, Gadotti (1999) comenta:

Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem "perdido", fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (p.22).

O professor deve atentar-se para estimular situações de envolvimento com os alunos, de aproximação e de contato. Deve ser humilde e não pensar que é o dono da verdade, pois, de acordo com Freire (1996): "a humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: ninguém é superior a ninguém" (p.136). Ele não deve considerar-se como sujeito rotulado com a simples tarefa de transmitir conhecimentos para alunos-objetos, podendo desprover-se de quaisquer responsabilidades além do conteúdo. Os alunos que ali estão em suas aulas trazem mundos dentro de si, trazem seus históricos inconscientes, impulsos e desejos, além de sonhos de encontrar referenciais que os motivem a construir um futuro melhor. São sujeitos e assim devem ser considerados, respeitados e ouvidos, além de alimentados por imagens positivas.

O professor deve estar atento à responsabilidade de sua presença em sala de aula, que tanto pode auxiliar, estimular ou não o processo aprendizagem e de sociabilidade dos educandos. Tal relação é permeada pela afetividade, logo, é necessário que o professor invista na formação de vínculos afetivos, acreditando na pessoa e compreendendo seus limites individuais. O educador não deve temer a superação nem julgar-se auto-suficiente. Segundo Freire (2005):

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de *pronúncia* do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (p.93)

Infelizmente, observa-se no contexto educacional brasileiro que alguns professores acabam criando um clima opressivo em sala de aula não permitindo que haja uma interação mais dialógica entre ele e os alunos e/ou entre os próprios alunos. Na maioria das vezes, a

justificativa para esta problemática está na má remuneração, na falta de preparo, na instabilidade familiar, fatores que influenciariam no desempenho do docente. Para Freire (1996):

A minha resposta à ofensa à educação é a luta política consciente, crítica e organizada contra os ofensores. Aceito até abandoná-la, cansado, à procura de melhores dias. O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos. (p. 67).

A aula deve ser encarada como uma relação entre professor e aluno, numa aprendizagem mútua, onde a escola seja reconhecida como um lugar de reflexões na construção e reconstrução do saber.

O professor ao atuar com e nas relações humanas, requer competências e saberes para agir individual e/ou coletivamente, a fim de fazer face às especialidades de seu trabalho. Nesta esfera de intervenções onde o professor planeja sua atuação para um grupo específico de alunos, não se pode prescindir do conjunto de conhecimentos proporcionados pelas teorias da aprendizagem, do desenvolvimento, da motivação, das diferenças individuais, etc., já que os problemas e demandas propostos na prática educativa tornam necessário recorrer a eles com frequência a fim de privilegiar o processo de construção do conhecimento. Este processo é compreendido como decorrência das trocas que o aluno estabelece na interação com o meio natural, social e cultural.

Ao professor, cabe exercer a mediação desse processo e articular essas trocas, tendo em vista a assimilação crítica e ativa de conteúdos significativos, vivos e atualizados. O que se deve considerar é que o ato de ensinar e de aprender é uma constante troca, onde se torna imprescindível que o professor seja, acima de tudo, um educador que enfrenta desafios e que consiga encarar com comprometimento e seriedade, os problemas presentes na sua vida profissional, para que com eles, compreenda a cada dia, que o processo da construção do conhecimento se processa através de valores que embasam e justificam a aprendizagem, através das relações interpessoais dos sujeitos, como também na vivência em sala de aula. Sobre este aspecto, Freire (1996) afirma: “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (p.23).

Logo, o papel do educador em conduzir seus alunos à criticidade deve ser essencialmente recíproco, já que há uma troca de experiências na busca da aquisição de novos conhecimentos e novos caminhos a serem seguidos. De acordo com Paiva (1987) “compete ao

educador, praticar um método crítico de educação que dê ao aluno oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo.” (p.6)

Outro fator importante na relação professor-aluno, é que o professor compreenda o seu papel dentro de sala de aula, que tenha consciência de que os alunos têm ritmos diferenciados e seguem processos distintos em seu desenvolvimento, que saiba exercer o convívio com as diferenças, respeitando a diversidade humana e que se lembre sempre que cada pessoa traz consigo características de personalidade que, por sua vez, interferem na maneira pela qual se comportam e reagem com relação aos seus pares. Neste sentido, diz Freire (1996):

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobretudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível. (p. 136).

A escola precisa, considerar sempre a diversidade como característica do sujeito em processo de constante transformação, a fim de oferecer uma educação de qualidade para todos. O processo de ensino e aprendizagem do aluno se dá através das interações sociais ocorridas dentro do ambiente escolar. Para Freire (1996), “o clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e a liberdade dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”. (p. 103)

Deste modo, entendemos a relação professor-aluno como sendo de fundamental importância neste processo, pois, segundo Freire (1996):

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (p.66).

Dessa forma, é importante que o professor tenha consciência de que uma boa convivência com o aluno deve ser precedida de um bom diálogo. Lembrando da afirmação de Paulo Freire (2005), que “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e

aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda”. (p.91)

Visto isso, atentemos então, para a relevância da relação professor – aluno, pois, nenhum professor passa pelos alunos sem deixar sua marca, daí a importância do docente. Pois,

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior talvez dos juízos é o que se expressa na “falta” de juízo. O pior juízo é o considerar o professor uma ausência na sala. O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1999, p.73).

Logo, a relação entre professor e aluno depende, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e entender que sua tarefa não é apenas inserir na cabeça dos alunos um número crescente de ensinamentos e sim, antes de tudo, exercer certa influência sobre a personalidade, como um todo. Tendo entre outras coisas, atenção e forte atuação na intervenção às atitudes agressivas.

Nesse sentido, enfatizamos a importância do professor no combate a um comportamento que sempre existiu, porém quase não é falado nem estudado e como afirma Fante (2005), é um nocivo fenômeno social que vem causando danos irreparáveis a um número expressivo e cada vez maior de alunos em nossas escolas, sendo causador de sérias consequências na vida dos alunos e que vem sendo praticado há muito tempo: *bullying*.

CAPITULO 3

BULLYING

3.1 Definição do termo

De acordo com Beane (2010), o termo *bullying* descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impactos sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa. Dessa forma, adota-se o termo *bullying* para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital, anti-social e sistemático inerente às relações interpessoais.

É um termo adotado em muitos países e embora seja ainda pouco conhecido, refere-se a um problema que geralmente ocorre em diversas escolas e na grande maioria dos casos não é percebido pelos pais e educadores, pois, as vítimas se recusam a procurar ajuda.

Apresenta características próprias: é um comportamento intencional, repetitivo e sem razão aparente, provocado por uma ou mais pessoas contra outras e explicita uma relação desigual de poder, mesmo quando acontece entre crianças mais novas.

Costuma causar traumas ao psiquismo de suas vítimas, é sempre acompanhado de humilhações e, em muitas vezes, até agressões. Pode ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nas Forças Armadas, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas prisões, enfim, onde existem relações interpessoais. É um termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica. No que se refere à violência escolar, Fante (2005) define como:

um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (p. 28)

Ainda definindo o *bullying*, como um comportamento cruel existente nas relações interpessoais, Fante (2005), acrescenta que nessas ocorrências, “os mais fortes convertem os mais

frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (p.29)

Muitos tipos de comportamentos podem ser considerados *bullying*. Brincadeiras frequentes e constrangedoras, humilhações e até mesmo agressões. De acordo com Fante (2005) “Os comportamentos bullying podem ocorrer de duas formas: direta e indireta, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima” (p.50). A forma direta é aquela que necessita da participação direta do agressor, por exemplo: bater no colega, xingar e roubar pertences. A indireta é aquela que não necessita da participação direta do agressor; as mais comuns são: fofocas, mentiras, apelidos pejorativos...

3.2 Alvos e autores do *Bullying*

Afirma Cleo Fante (2005), que os estudiosos dos comportamentos *bullying*, identificam e classificam, entre os envolvidos no fenômeno, os tipos de papéis que cada um desempenha. São eles:

- **Vítima típica:** “geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais” (p.71). Costumam ter um tipo físico mais frágil que os seus colegas.
- **Vítima provocadora:** é aquela que provoca e atrai reações agressivas, entretanto, não consegue êxito. Essa vítima tenta revidar quando atacada, mas de maneira ineficaz; “é, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra” (p.72).
- **Vítima agressora:** “é aquele que reproduz os maus tratos sofridos” (p.72). É o aluno que, por ter sofrido agressões, busca indivíduos mais frágeis que ele para agredir, aumentando assim o número de vítimas do *bullying*.
- **Agressor:** é aquele que agride os mais indefesos. Geralmente, é criança com pouca empatia,

vinda de família com problemas comportamentais, ansiosa, confiante e que não aprendeu a lidar com limites. Costuma ter carência afetiva. “Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe” (p.73).

- **Expectador:** é aquele aluno que presencia o *bullying*, porém não é vítima e nem agressor. “Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor” (p.74).

3.3 Histórico

Cleo Fante (2003, p. 45) ao descrever o histórico do fenômeno diz que foi o professor Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, que relatou os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, admitindo diferenciar o *bullying* de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou brincadeiras entre iguais, próprias da idade e do processo de amadurecimento do indivíduo. Seguindo a mesma linha trazida por Fante, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, 2003), acrescenta que,

Tudo teve início com os trabalhos do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993). No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema. Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais entre os vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa sobre a prevenção do BULLYING foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação direta ou indireta são demorados, o procedimento adotado foi o uso de questionários, o que serviu para fazer a verificação das características e extensão do BULLYING, bem como avaliar o impacto das intervenções que já vinham sendo adotadas. Nos estudos noruegueses utilizou-se um questionário proposto por Olweus, consistindo de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha, onde se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores (Olweus, 1993a). Este instrumento destinava-se a apurar as situações de

vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança. Ele foi adaptado e utilizado em diversos estudos, em vários países, inclusive no Brasil, pela ABRAPIA, possibilitando assim, o estabelecimento de comparações inter-culturais. Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do BULLYING foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de BULLYING. Em 1993, Olweus publicou o livro "BULLYING at School" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de BULLYING nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações. O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características principais desenvolver regras claras contra o BULLYING nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte de professores e pais, aumentar a conscientização do problema, avançando no sentido de eliminar alguns mitos sobre o BULLYING, e prover apoio e proteção para as vítimas.

Segundo OLWEUS *apud* FANTE (2005),

“os dados de outros países indicam que as condutas *bullying* existem com relevância similar ou superior as da Noruega, como é o caso da Suécia, Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália.” (p.46)

Fante (2005) comenta sobre o crescimento do fenômeno nos Estados Unidos, dizendo que “para alguns pesquisadores americanos o bullying é classificado como um conflito global e admitem que se esse crescimento persistir, haverá muitos jovens que “se tornarão adultos abusadores e delinqüentes.” (p.46)

Constata-se que o fenômeno *bullying* acontece nas escolas do mundo inteiro, inclusive no Brasil, apesar de não termos muitas pesquisas e estudos referentes a este assunto. Fante (2005) afirma que “com base em dados estatísticos obtidos nos mais diversos países, pode-se seguramente afirmar que o fenômeno está presente em todas as escolas do mundo.” (p.46).

Segundo ABRAPIA (2003), apesar do fenômeno ainda ser pouco investigado no Brasil, encontramos alguns estudos sobre *bullying* no ambiente escolar, realizados pela Prof^a Marta Canfield e colaboradores (1997), em que a autora procurou observar os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria (RS), usando uma forma adaptada o questionário de Dan Olweus (1989); pelos Profs. Israel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, que realizaram pesquisas para diagnosticar o *bullying* em duas Escolas Municipais do Rio de Janeiro; pela Prof^a. Cleodelice Aparecida Zonato Fante, em 2002, em escolas municipais

do interior paulista, visando ao combate e à redução de comportamentos agressivos e pelo Dr. Aramis A. Lopes Neto membro da ABRAPIA e coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes.

Para Fante (2005), a ocorrência do *bullying* no Brasil,

ainda é pouco comentado e estudado, motivo pelo qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo aos demais países. O que se sabe é que em relação à Europa, no que se refere aos estudos e tratamento desse comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso. (p.46)

O problema do maltrato entre iguais, conhecido como *bullying*, pode ser visto como um aspecto particular da violência na escola que, segundo a definição proposta por Olweus (2000), ocorre quando “um aluno ou uma aluna são expostos, repetidamente e durante um período de tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos” (p.45). Ele acrescenta que a designação “maltrato entre iguais” deve ser usada quando existe uma relação assimétrica de poder entre alunos.

No Brasil também temos notícias de casos onde esse tipo de violência tenha acarretado consequências graves entre estudantes.

Fante (2005) relata casos divulgados nos meios de comunicação, como o que aconteceu na Bahia em 2004, que chegou a morte.

Um adolescente de 17 anos, armado com um revólver, matou um colega e a secretária de um curso de informática onde estudou. O jovem foi preso. O delegado que investigou o caso afirmou que o menino sofria algumas “brincadeiras” que ocasionavam certo rebaixamento de sua personalidade. (p.40)

3.4 Como se desenvolve o *Bullying* na escola

Pelas explicações de Dan Olweus *apud* Fante (2005) o *bullying* se desenvolve na escola, tendo em vista os diversos tipos de conflito e tensões. Várias outras interações agressivas também ocorrem quando o aluno quer se divertir ou se auto-afirmar, mostrando-se mais forte que seus colegas. Quando, em uma sala de aula, houver, um ou mais agressores, o seu comportamento agressivo poderá interferir nas atividades dos colegas, resultando em interações ásperas, veementes e violentas.

Como o agressor sente a necessidade de dominar e ameaçar os seus colegas, ele pode impor a sua força, o que faz das adversidades e das pequenas frustrações, conflitos extremos em sala de aula. O agressor costuma escolher uma vítima que ele julgue fora dos “parâmetros de normalidade.” (FANTE, 2005, p.47)

Dessa forma, o bullying começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais. (FANTE, 2005, p. 63).

Logo, se na classe tiver um aluno mais calado, tímido, que demonstre insegurança, ansiedade e uma grande dificuldade de se impor, mostrando-se indefeso, certamente ele será descoberto pelo agressor. Pois, o agressor escolhe para perseguir, o aluno com alguma “diferença” física e/ou emocional, ou aquele que ele percebe que não vai responder a sua ofensa com outra maior, e sim, que ele vai se amedrontar, sem ao menos se defender.

Segundo Fante (2005), os agressores são quase sempre identificados pelos professores, entretanto, a maior dificuldade para os professores é a de apontar os alunos que estão sendo vítimas do *bullying*, pois, esses se amedrontam e preferem não pedir ajuda. Segundo Olweus *apud* Fante (2005), “não há dúvidas de que a maioria dos casos de bullying acontece no interior da escola. Entretanto, para que um comportamento seja caracterizado bullying, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves.” (p.49)

O autor acrescenta, ainda, que

Os comportamentos bullying podem ocorrer de duas formas: direta ou indireta, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima. A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social. (OLWEUS *apud* FANTE, 2005, p. 50).

3.5 Consequências

Todos os envolvidos no *bullying* sofrem sérias consequências que podem deixar sequelas para o resto da vida. Sem dúvida, o mais afetado será sempre a vítima. Para Aramis (2005) “alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais.” (p.57).

Para Pereira (2002), a consequência imediata é a auto estima baixa, levando as vítimas à exclusão. Um dos motivos pelos quais isso acontece, é o fato de não serem aceitos nos grupos de amizades. As vítimas se tornam “menos escolhidas como melhores amigos e apresentam fracas competências sociais tais como cooperação, partilha e ser capaz de ajudar os outros.” (p.24).

A autora Cleo Fante, em seu livro “Fenômeno Bullying” (2005) deixa claro que as consequências desse fenômeno

afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental (p. 79).

As vítimas do *bullying*, quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Por outro lado, quanto mais jovem for aquele que comete o *bullying*, terá maior probabilidade de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Ficar “livre” ou não dos traumas e sequelas deixados pelo *bullying*, é uma incógnita, depende muito das características individuais de cada vítima e da maneira como ela administra essa relação consigo mesma, com o meio social em que vive, e com seus familiares. Como relata Cleo Fante (2005), caso essa superação não aconteça, o trauma que foi estabelecido prejudicará o seu comportamento e a sua inteligência,

gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas. (p. 79).

Dando continuidade aos sofrimentos causados por este fenômeno, a mesma autora comenta o seguinte:

Enquanto a vítima sofre das mais variadas formas, acarretando outras consequências pessoais, prejudiciais a si mesma, cujos desdobramentos podem afetá-la durante toda a sua vida, o agressor experimenta a sensação de consolidação de suas condutas autoritárias (mesmo sem imaginar que esse resultado será prejudicial aos seus futuros familiares), tendo, como resultados previstos: o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas – caminho que pode conduzi-lo ao mundo do crime -, além da projeção dessas condutas violentas na vida adulta, tornando-se pessoa de difícil convivência nas mais diversas áreas da vida: pessoal, profissional e social. (FANTE, 2005, p. 80).

Objetivando sintetizar algumas consequências do bullying, busquei em Pereira (2002), o seguinte resumo:

. Consequências para a(s) vítima(s):

vidas infelizes, destruídas, sempre sob a sombra do medo, perda de autoconfiança e confiança nos outros, falta de auto-estima e autoconceito negativo e depreciativo, vadiagem, falta de concentração, morte (muitas vezes suicídio ou vítima de homicídio), dificuldades de ajustamento na adolescência e vida adulta, nomeadamente problemas nas relações íntimas. (p.25)

. Consequências para o(s) agressor(es):

vidas destruídas, crença na força para a solução dos problemas, dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social, problemas de relacionamento afectivo e social, incapacidade ou dificuldade de autocontrolo e comportamentos antisociais. (p.25)

Portanto, com todas as consequências apresentadas, pode-se dizer que o *bullying* passou a ser considerado um problema sério e que deve ser reconhecido não só pelos professores como também pelos profissionais de saúde.

3.6 Combate e prevenção ao *bullying*

Entendemos que é compromisso da escola prevenir a violência que cresce, aceleradamente, em seu contexto e de intervir impedindo a sua proliferação. Para que isso aconteça, seus educadores devem ser capacitados para atuar na melhoria do ambiente escolar e das relações interpessoais,

promovendo ações de solidariedade, de tolerância e o respeito às características individuais, utilizando estratégias adequadas à realidade educacional que envolva toda a comunidade escolar.

Essa capacitação dará ao educador habilidades para perceber os sinais e aos apelos silenciosos que os alunos expressam pedindo ajuda. As pessoas que sofrem com atos violentos pedem ajuda através de suas vozes, mas principalmente por meio da linguagem e expressão corporal; de ações e de comportamento que mostram que alguma coisa aconteceu e que precisam de socorro urgentemente. Os professores precisam ouvir com respeito, confiar na palavra da vítima. É importante prestar atenção nas mudanças rápidas de comportamentos e atitudes que demonstram os indicadores da violência entre os estudantes e entre estudantes e educadores. Para Fante (2005),

A conscientização e a aceitação de que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares (p. 92).

Dando continuidade a este pensamento, Cleo Fante (2005) continua afirmando que:

Dessa forma, sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar na luta pela redução do comprometimento bullying torna-se tarefa imprescindível, uma vez que o fenômeno é complexo e de difícil identificação, principalmente por manifestar-se de maneira sutil e velada por garantir sua propagação através da imposição da lei do silêncio. (p. 92).

Nessa perspectiva, a mesma autora que é pesquisadora do *bullying* escolar, elaborou o Programa Educar para a Paz. O Programa pode ser definido como um conjunto de estratégias psicopedagógicas que se fundamenta sobre princípios de solidariedade, tolerância e respeito às diferenças. Tendo em vista que Cléo Fante tem anos de experiência no magistério e ter realizado várias pesquisas no campo da educação, como ela mesma relata em seu livro, “Fenômeno Bullying”, o programa recebeu esse nome, porque ela acredita que a paz é o maior desejo das crianças envolvidas nesse fenômeno.

O Programa Educar para a Paz envolve toda a comunidade escolar, inclusive os pais e a comunidade onde a escola está inserida. As estratégias do programa incluem o trabalho individualizado com os envolvidos em *bullying* – visando à inclusão e o fortalecimento da auto-